

Amarelly

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Hespanha:
Trimestre 6\$50—Semestre 13\$00—Ano 26\$00
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00—Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00—Ano 34\$00

NUMERO AVULSO, 50 CENTAVOS

Redação, administração e oficinas:—Rua do Seculo, 49, LISBOA

A BELEZA É ETERNA

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. E' a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus produtos para os fins desejados a seguir

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre. *O MELHOR DO MUNDO*.—*Descamação artificial*: o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—*Productos de Lirio florentino*: tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—*Productos cosmey*: contra a verne hidão do nariz e rosto; resultados seguros.—*Productos d'Acacia*: para curar a gordura e luzido da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—*Productos Civette*: fecham os poros, tornando a pele unida e fina.—*Productos Yildizienne*: para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—*Productos Mesdjem*: para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—*Productos Mizabilla*: para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—*Productos Staffe*: para emagrecer o rosto ou o corpo.—*Productos Orion*: para engordar o rosto ou o corpo.—*Productos electico*: para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—*Productos Yildizienne*: para a beleza e conservação dos dentes sãos e contra os dentes descarnados.—*Productos Rainha da Hungria*: fazem a beleza e higiene da cutis, evitam rugas e todas as doenças de pele.—*Productos contra acnés*: ainda que as mais antigas.—*Productos sudorificos*: contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—*Productos Mesojem*: contra os joanetes, olho de perdiz e calos.—*Productos Imperatriz*: branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—*Productos esmate*: branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—*Crems de massagem, medica e estetica*: para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—*Productos de grande beleza*: para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette íntima e grande toilette, etc., etc. *Saes para banho e sabonetes*: pós de talco, vinagres de toilette, etc., etc.—*Productos Kaskarina*: para tirar

verrugas.—*Balsamo Yildizienne*: para tirar os sinas, das beixas e todas as cicatrizes adherentes ou chlorides.—*Schampoo para lavar a cabeça*: especiaes para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—*Productos Yildizienne*: para pintar os cabelos em todas as cores e recolora-los naturalmente ser; pintar, curand' a canice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—*Brilhantinas especiaes para usar com estes productos*: para fazer e favorecer a ondulação Marcelle, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—*Regenerador Masdjem*: para corar os brancos em 8 dias.—*Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele*: cooperosica, flacada, seca, gorda, vermelha, rugosa, eczematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—*Alcoolatos*: para queimar, perfumando e desinfectando os aposentos.—*Aparelhos electricos, vibratorios e de alta frecuencia*: fabricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Campos, com catalogos illustrados ensinando todos os tratamentos.—*Aparelhos especiaes*: para corrigir os defeitos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—*Aparelhos*: para afinar os dedos e tirar os joanetes.—*Aparelhos*: para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—*Aparelhos*: para os douches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olheiras, papos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—*Pentes e escovas electricas*: para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—*Esponjas electricas*: para massagens.—*Estojos*: para unhas e todos os utensilios para manucure.—*Pulverisadores a vapor*: conti. as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. Lampadas de luz para o tratamento da pele.—*Aparelhos Orion*: para a massagem manual. Escovas para a massagem pessoal do corpo, com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 25—LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDADORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3:641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a \$100

MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.
Deposito geral:

Fernandes, Almeida & C.^a Limitada

RUA DO LARGO DO CORPO
SANTO, 10, 1.^o

“NOIA ELEGANTE”

O passo rúge-rúge de uma mulher atraente nos 1...

Mas os seus pésinhos bem calçados, se-
duz-nos!!!

Os Sapatinhos mais elegantes, vendem-
se na sapataria **O Modelo de Paris**

TELEF. C. N.^o 26885

Virgilio Prieto Limit.^a

R. do orêto n.^o 10—Chiado

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

em todos os generos

Fazem-se nas oficinas

da

“Ilustração
Portuguesa”

R. do Seculo, 45

LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 ás 2
horas e por corres-
pondencia. Enviar 10
cent. para resposta.

Calçada da Patriar-
cal, n.^o 2, 1.^o Esq.
(Cimo da rua da Alegria, prediosesquina).

Vér, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SECULO»

PREÇO, 20 CENTAVOS

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



Guilhermina Suggia

ILUSTRE VIOLONCELISTA PORTUGUESA, QUE, COM GRANDE EXITO, REALISOU UM CONCERTO EM LONDRES. É CONSIDERADA O UNICO RIVAL DO GLORIOSO CASALS, SEU ANTIGO MESTRE, HOJE SEU EGUAL.



CRONICA DA SEMANA

NO DIA DE S. PEDRO...

NO dia de S. Pedro, abriram-se largamente as portas do ceu e os santos vieram passar o dia fóra de portas. S. João ficára, a recompor-se das noites perdidas; mas todos os mais haviam aproveitado bem o dia. Levaram Santa Barbara por causa dos trovões, visto que S. Cipriano não garantiria o bom tempo e S. Martinho fazendo a apologia de sua festa fechava o cortejo com S. Bento, o mais palrador e bulhento de todos.

Ao cair da tarde, deliciosamente estendidos pela fofa penugem das nuvens brancas, todos lamentavam que os dias fossem tão curtos. S. Marcos revia as provas da nova edição dos seus Evangelhos, S. Gonçalo, casamenteiro das velhas, ia advogando algumas causas porque estava sobrecarregado com trabalho... Quando S. Pedro, o festejado, fechou com as suas chaves de ouro fulgente as portas da celeste moradia não pensava senão na boa sonôca que ia gosar merecidamente como um justo e como um bom. E minutos depois, sentado naquele singelo banco onde passa a vida eterna, a aureola e o triangulo ao lado, as chaves penduradas do cinto, cabeceava, amachucando de encontro ao peito forte a barba branca, immaculada...

O «Pé de Salsa» e a «Micas» haviam morrido dumas facadas numa grande zaragata no Bairro Alto. No caminho para o Inferno conseguiram iludir a escolta e deitar a fugir para o ceu... Para eles, cuja vida fora toda a descer, foi penosa a trepadeira lá para cima; e, foi, mais mortos do que iam, que alcançaram as imensas, luminosas e promedoras portas do ceu. Mas... estavam fechadas. A Micas ainda perguntou se ele trazia a gazua, mas qual! a ferramenta esquecera e não havia outro recurso senão esperar que alguma beata, destas que vão direitinhas para o ceu, passasse, e eles esgueirarem-se por uma greta ou por debaixo das azas dos anjos...

Nisto, dão com S. Pedro a dormir o seu sono dos justos.

— Talvez o velhote abra...

E abanaram-no pelos ombros donde pendia a grande veste branca e azul, á romana. Estremunhado, guarda portão que a garotada angelical acirrava com tropelias, julgou que eram eles...

— Deixem-me garotos...

Mas logo notou o erro... Eram almas, áquelas horas, sem que o anjo da paz tivesse tocado a sineta anunciadora... Ali andava misterio...

— O' velhinho, disse a Micas, queremos ver o ceu. Deve ser lindo... E tudo tão bom... Que o chão é tão macio que a gente parece que anda pelo ar... E as musicas que devem haver?! Mostras, velhinho, mostras...?

— Vocês estão enganados... Isto aqui não é para vadios...

Mas depois S. Pedro teve uma ideia e acrescentou:

— Se fosse só ver... Mas vocês são capazes daigum desatino.

— Juramos...

S. Pedro, poz a aureola, o triangulo, dirigiu-se ás portas celestiaes. Deu duas voltas, empurrou um pouco e logo o «Pé de Salsa» e a «Micas», espevitaram o olhar, de pescoços estendidos... Nada... Por mais que estrefassem os olhos não viam nada... E S. Pedro ia mostrando:

— E' aqui o reino dos bons, dos justos, dos puros... Toda esta luz é como o halito de Deus. Este jardim o dos mil encantos... Os anjos que andam voando entoam hinos sem fim... Alem é o rio da Felicidade Eterna que corre sempre e onde se banham os que amaram a Deus... E agora vamos embora que já viram de mais...

Puxou a porta e fechou-a a duas voltas.

O «Pé de Salsa» e a «Micas» estavam estonteados; não haviam visto coisa alguma; uma nevoa branca em frente dos olhos e mais nada... Ficaram-se a olhar S. Pedro sem perceber o que ele dizia...

— Tudo isso é «escova». Eu não vi lá nada...

— Ah! Tendes razão. Que cabeça a minha. E' que me esquecia de vos dizer que o ceu só pode ser visto por aqueles que nunca pecaram, que creem, que fizeram apenas o bem. Como querem vocês com esses olhos, essas almas acostumadas á hediondez dos roubos e dos crimes, ver a perfeição divina, a beleza eterna dos ceus? Ide... Ide... E deixal-me em paz...

O «Pé de Salsa» e a «Micas» começaram então de novo a descer.

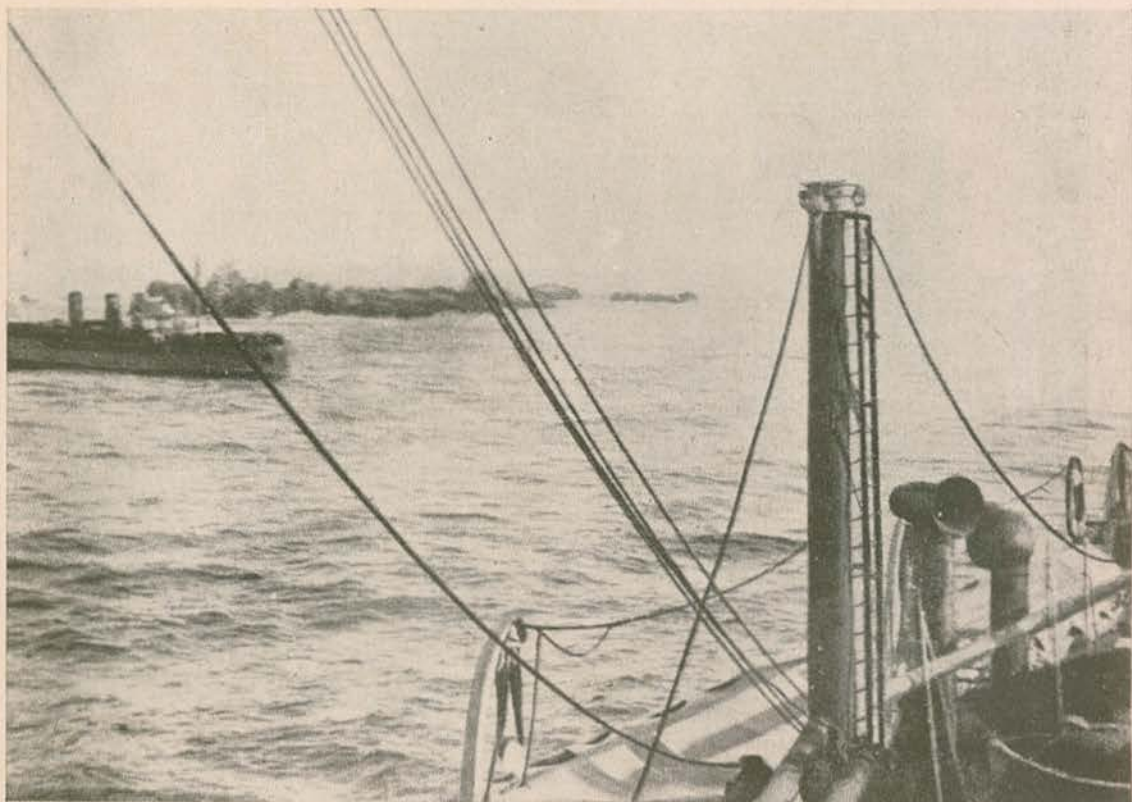
— Obrigadinho, ó velhote...

E na sua mente brilhava agora a ideia de que afinal o inferno sempre devia ser mais divertido. S. Pedro viu-os afastar-se, dois pontos negros que se destacavam na alvura das nuvens em volta; sorriu, sentou-se e adormeceu.

Os ladrões tinham ficado roubados.

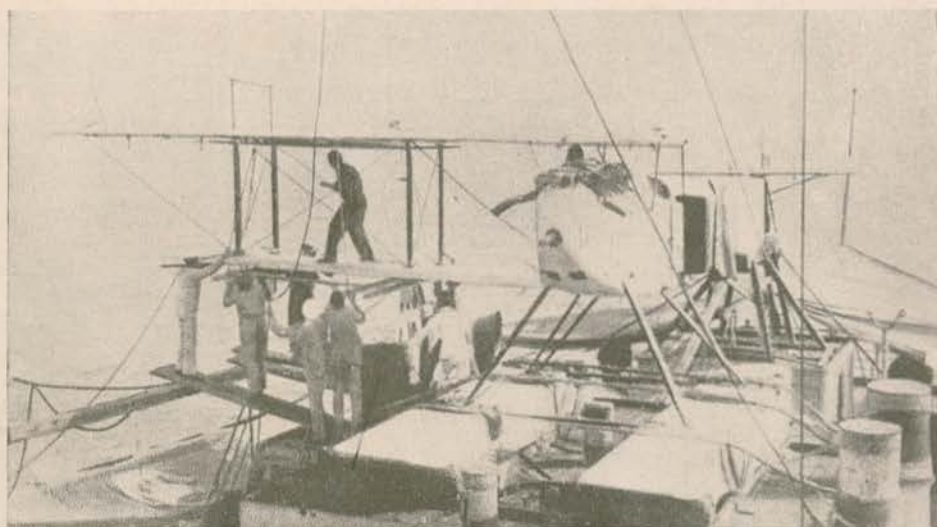
ARMANDO FERREIRA

O GRANDE "RAID" AO BRASIL



De bordo do «Bagé»

Os penedos de S. Pedro e S. Paulo e o cruzador «Republica», quando este se encaminhava para o fundeadoiro da Ilha Fernando Noronha, seguindo o glorioso avião português que venceu os dois grandes desertos do mar e do céu



O «Portugal»

A bordo do navio brasileiro Bagé, os mecânicos portugueses montam as diversas peças do hidro-avião na véspera da chegada à Ilha Fernando Noronha

ACONTECIMENTOS POLITICOS



Um grupo tirado a bordo do *Lima*, antes de seguirem para Angra os officaes presos. O sr. tenente-coronel Liberato Pinto, à paisana.



A multidão observando a partida do paquete onde vão os políticos detidos recentemente



João Ameal

UM NOVO LIVRO DE JOÃO AMEAL "NOSSA SENHORA DA MORTE"

BEM haja Portugal por ter nesta hora, sob tantos pontos de vista incerta e indecisa, a sua «ala de namorados» da arte e da beleza. Composta de moços que trabalham, com esperança e fé nos destinos da raça, eles acreditam piamente que o ideal artístico não é uma coisa dogmática, imutável e inabalável, antes pelo contrario, partem do principio de que ha sempre novas facetas a descobrir — ou a talhar — com novos coloridos, novas linhas, novas sciutilações e novos ritmos. E é essa a missão que eles com galhardia e gentileza tomaram sobre os seus hombros.

Ora em grande destaque, á frente, de ha tempos já vemos, nessa «ala de namorados» da arte e da beleza, João Ameal, autor dos belos livros: «O que os meus olhos



Reprodução da capa que o Ilustre aguarelista Letão de Barros desenhou para a novela de João Ameal, que appareceu hontem nas livrarias de Lisboa

viram...», «Em voz alta e em voz baixa», «A Semana de Lisboa» e «Os olhos cinzentos».

E mais uma vez João Ameal se firma nesse logar, onde tão bem se encontra «par droit de conquête», com o seu novo livro, a novela: «Nossa Senhora da Morte», destinada certamente a um lindo successo entre as mãos brancas e finas das senhoras portuguezas, e sob os olhos de todos os que gostam de lêr em horas rosadas e serenas.

Senhor dum estilo e dum ritmo muito seus, senhor duma frase e duma adjectivação muito suas sabendo provocar um encanto especial e um especial «frisson», com a sua prosa, João Ameal é bem o descobridor duma nova faceta no claro diamante que é o ideal artistico.

A. R. P.

A VISITA DO CHEFE DO ESTADO À EMBAIXADA DO BRASIL



Na embaixada do Brazil, onde o Sr. Presidente da Republica foi levar os cumprimentos da vitória. — Da esquerda para a direita: dr. Domingos Perelra, presidente da Camara dos Deputados; Antonio Maria da Silva, chefe do governo; Macedo Soares, secretario da Embaixada; Presidente da Republica; dr. Belford Ramos, encarregado de negocios do Brazil; dr. Barbosa de Magalhães, ministro dos estrangeiros.



A carruagem presidencial á porta da embaixada, entre a curiosidade da multidão.

MERCEDES BLASCO



Um aspecto do enterro de Marcelo Gekhlère, o infeliz filho de Mercedes Blasco, sacrificado ao seu dever de patriota

TODAS as pessoas de coração se deviam ter impressionado com a trágica odisseia de Mercedes Blasco, que perdeu na guerra os dois filhos, como uma d'aquelas mães antigas que ofereciam em holocausto á raça as suas mais profundas devoções moraes.

Mercedes Blasco acaba



d'assistir á agonia do seu ultimo filho, Marcelo Gekhlère, cuja morte já quasi era esperada por quem estava habituado a encontra-lo ás vezes nas ruas de Lisboa, magro, palido, inverosimil como uma sombra. E mais uma vez Mercedes Blasco se envolve do veu solene dos lutos dolorosos.

Depois da tragedia, o luto Mercedes Blasco envolta na sua *toilette* negra de dolorosa

A SEMANA HUMORISTICA

A BLAGUE DA SEMANA

ULTIMA MODA

ACABA de passar-se, em Londres, um grande acontecimento. «Lady» Coquette descobriu uma palavra que, ao pronunciar-se, empresta á boca pintada das mulheres uma deliciosa expressão: a palavra «equilibrium». Se V.^{za} Ex.^{ta}, minha senhora, quizer possuir uma linda boca — pronuncie muitas vezes, ao dia, defronte dum espelho a palavra «equi-



—Menino, o que é que ha na mēsa do jantar que se parece com um ovo pequeno?
— O...vinho.

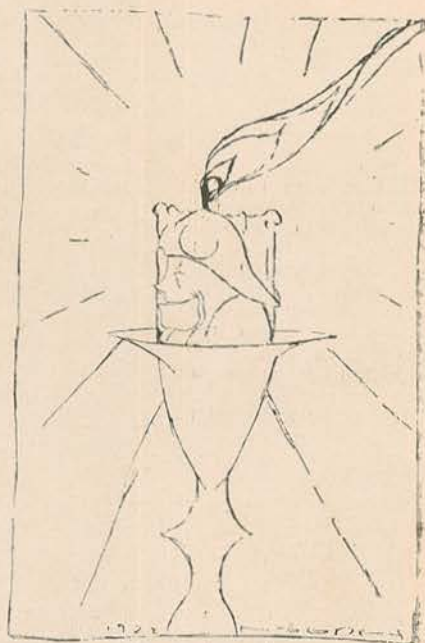
librium». Que maravilha! As elegantes de Londres adoptaram já, com entusiasmo, a misteriosa palavra. Por toda a parte se ouve, como um eco. Agora é «miss» W: «Hontem perdi o «equilibrium» ao descer do carro...»; mais além é «dady» J: «Que inquietante o «equilibrium» europeu!...»; por fim são todas, «misses», «ladies», etc., pronunciando, por toda a parte:

— «Equilibrium!»
«Equilibrium!»
Mas—Santo Deus—
que desequilibrium!

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES



— Conheces aquela rapariga?
— Infelizmente conheço-a ha muito; é minha mulher.



Um «coutinho» que alumia o mundo...



III A INTIMA A

Lá fóra, a noite escura . . . o vento aos ais,
A soluçar e a rir, doido soturno,
E um violinista trágico e noturno
Wagnerizando a voz dos temporais . . .

Lá fóra, a chuva fria das procelas . . .
E cá dentro, ao calor da nossa casa,
O nosso coração a arder em braza
E o silencio divino das estrelas!

Tu embalas ao colo a nossa filha;
A luz, a arder, que em nossos rostos brilha
Dá-lhes um tom rosado de manhã . . .

E com a estranha e misteriosa tinta
Com que Deus ao sol posto as coisas pinta,
Nós formamos um quadro de Rembrandt!



.o.trevo.de.quatro. -folhas!

FANTASIA DRAMÁTICA

I SCENA

Jardim dum palácio encantado deitando sobre o mar

Uma mulher do povo

Um moço peregrino

- A MULHER
—E' tão linda a princesa...
- O PEREGRINO
—E tão triste!
- A MULHER
—Sabes a lenda?
- O PEREGRINO
—Todo o mundo a sabe...
- A MULHER
—Diz que uma fada a fadou...
- O PEREGRINO
—Sim. Eu sei... Era a Morte...
- A MULHER
—E a Princesa é tão branca...
- O PEREGRINO
—Mais branca do que a neve e do que a espuma
- A MULHER
—E os seus olhos são azuis como a flôr dos miosotis
- O PEREGRINO
—Enganas-te. Não são azuis, são verdes
- A MULHER
—Verdes?

O PEREGRINO

Sim. Como as ondas.

A MULHER

—Dizes bem. De tanto olhar o mar fizeram-se a côr das ondas.

O PEREGRINO

—Como tu és louca! Foi o mar que, de tanto os refletir, lhe copiou a côr dos olhos

A MULHER

—Que sabes tu? Antes da Princesa nascer já o Mar tinha a mesma côr.

O PEREGRINO

—Sim, eu sei... o mar foi sempre verde porque lhe adivinhou a côr dos olhos

A MULHER

—Talvez... Diz a lenda que a Princesa tem o seu destino preso ao Mar.

O PEREGRINO

—E' vê-la. As suas pupilas verdes tem a distancia do mar e onde se não vê mais, começa o azul — o Ceu.

A MULHER

—E os seus cabelos são loiros como um pôr do sol. A lenda conta...

O PEREGRINO

—Eu sei... Conta que no dia em que a Princesa nasceu não houve Sol-poente. O Sol essa tarde ficou para doirar-lhe os cabelos.

A MULHER

—Parece que não acreditas.

O PEREGRINO
—Porque dizes isso? Acredito.
A MULHER
—Eu lembra-me. Ainda era pequena, mas lembra-me.
O PEREGRINO
—A Rainha, diz-se, morreu deslumbrada, e uma das aias cegou...
A MULHER
—As aias cegaram todas.
O PEREGRINO
—Mas apenas uma...
A MULHER
—E' que as outras morreram. Certa balada conta...
(afastam-se)

II SCENA

Um jardineiro

Um poeta

O JARDINEIRO
...e por isso a Princesa é tão branca!
O POETA
—E' branca, branca! Palida como a sua vida.
O JARDINEIRO
—Esta roseira...
POETA
—Essa roseira?
O JARDINEIRO
—Antes da Princesa nascer dava umas grandes rosas vermelhas.
O POETA
—E agora?
O JARDINEIRO
—Nunca mais deu flôr.
O POETA
—Nunca mais?
O JARDINEIRO
—Nunca mais. E aquela outra, a mais alta, dava umas rosas côr de sangue e dum perfume tão intenso que uma tarde ao aspira-las a Rainha desmaiou.
O POETA
—E agora?
O JARDINEIRO
—Tambem nunca mais deu flôr.
O POETA
—Nunca mais?
O JARDINEIRO
—Nunca mais.
O POETA
—E os lírios?
O JARDINEIRO
—Fizeram-se todos brancos.
O POETA
—E os lílases?
O JARDINEIRO
—São brancos.
O POETA
—Desde sempre?
O JARDINEIRO
—Antigamente eram lílases.
O POETA
—Tudo perdeu a côr desde o nascimento da Princesa?
O JARDINEIRO
—Tudo.
O POETA
—Tudo é branco, palido como a sua vida...

O JARDINEIRO
(Indicando um vulto branco ao longe)
—A aia cega...
O POETA
—Está louca.
O JARDINEIRO
—Diz que as flôres não teem perfume.
O POETA
—E' vidente, é louca.
O JARDINEIRO
—As flôres só perdem o perfume se as toca a mão da Princesa.
O POETA
—Tambem enlouqueceste...
O JARDINEIRO
—Já chelo de assombro o observei mil vezes.
O POETA
—E a sua vida é branca.
O JARDINEIRO
—Tem a palidez da morte
O POETA
—E a sua face...
O JARDINEIRO
...é mais palida que a sua vida.
A AIA CEGA
(tacteano)
—As flôres não teem perfume.
O JARDINEIRO
—Nem côr.
A AIA CEGA
(aproximando-se)
—São irmãs dos meus olhos.
O JARDINEIRO
—São todas brancas.
A AIA CEGA
—Tambem a minha cegueira é branca. Lembra-me certa roseira que se enlaçava num cedro voluptuosa, amorosamente... dava umas rosas sanguinolentas, de veludo.
O JARDINEIRO
—São brancas.
A AIA CEGA
—E a minha cegueira é um lençol branco de neve.
O JARDINEIRO
—Que extranha fada assistiria ao nascimento da Princesa?
A AIA CEGA
—Tudo se fez branco mal a Princesa nasceu!...
O POETA
—A fada como se chamava?
O JARDINEIRO
—Esqueceu-nos perguntar-lho.
POETA
—E nunca mais voltou?
A AIA CEGA
—Nunca mais. Quem és tu?
O POETA
—Sou poeta.
A AIA CEGA
(afastando-se)
—Cata-te! Ela dorme. Silencio... não a acordes...

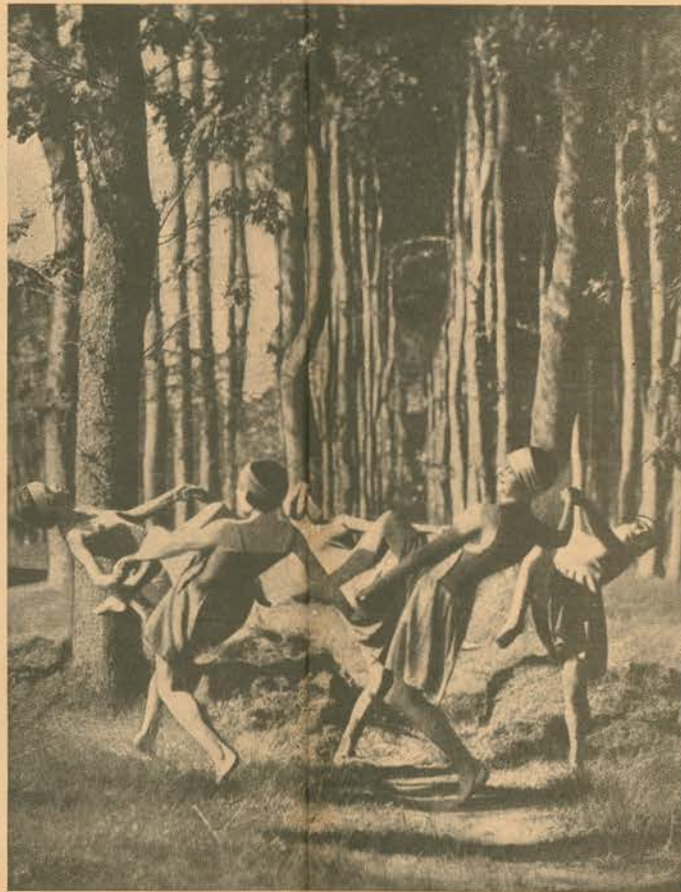
Americo DURÃO

A ESCOLA DE DANÇA

DE

Miss MARGARET MORRIS

Nome que já se pode pôr ao lado de Isadora Duncan, pronuncia-lo é fazer vir ao espirito todo o ritmo vago, e todo o sonho cadenciado que em si contém a arte do bailado. Sacerdotisa cheia de ideal, «Miss» Margaret Morris tem por esta especial manifestação da arte aquele culto dedicado que existia na Grécia, nos dias em que os homens julgavam os bosques habitados por ninfas e fadas, e os mares por sereias e Tritões. Foi antes da morte do grande Pan...



E assim abriu agora em Harlech, na Inglaterra, em scenarios encantadores, verdes e doirados, a sua escola ao ar livre, onde as suas alunas dançam como se a natureza fosse um grande templo. Frisemos que ao lado da dança, cultivam «Miss» Margaret Morris e as suas cooperadoras varios outros exercicios de cultura fisica, tais como «golf», remos, natação, pois nada exige mais um corpo perfeito do que a dança.

Harlech fica entre uma paisagem formosa de jardins e bosques, e perto do mar, d'uma praia com areia muito fina e suave. Frequentes vezes saem as alunas dos bosques e dos jardins, até á praia vastissima, e ali dançam sob um esplendor de luz ora doirada, ora rosada, ora lilaz... Nesses instantes o mar, o velho mar, cantador de odes e hinos, ha-de julgar que são novas e extranhas conchas todos aqueles pequenos pés irrequietos...



Uma roda em pleno bosque



Os barcos e as gaivotas sobre a agua

AS GAIVOTAS DO TEJO

ALTO-DÁFUNDO. Abro as janelas que dão sobre as glicínias já floridas e fica-me frente o Tejo, numa larga fita de luz que é o rasto glorioso das descobertas. Mais além, sempre em frente, ergue-se o Monte de Caparica onde viveu, sonhou e morreu Buião Pato, um dos últimos românticos a quem João Penha dedicára estas quadras:—

*Aqui jáz n'este monte sobranceiro
A's vagas rugidoras do oceano
Um trovador que soube, ele, o primeiro
Curvar o éstro ao sentimento humano.*

*Aqui jáz, mas repleto de saúde
Teso de pernas, firme nos artelhos.
De noite vibra as cordas do alaúde,
De manhã... Vibra dardos aos coelhos.*

Nesse tempo ainda pairava longe a enfermidade que o prostrou. Lá do alto da sua thebaida, comentava, com ironia, os novos que surgiam cheios de audácias e bysantinismos. E, recordando a sua geração, á qual pertenceram Mendes Leal, Gomes de Amorim, Soares de Passos e tantos outros, evocando, com prazer, a sua convivência com Herculano, Garrett e Rebelo da Silva, era com amargura que se referia ainda ao facto de Eça de Queiroz tentar ridicularisal-o incarnando-o no «Alencar de Alemquer» de *Os Maias*. Fôra então que esse poeta da mocidade e do amor, ripostando, fizéra publicar o *Lázaro Consul*, um sarcásmo vibrante e sensacional contra o auctor de *O Mandarim* que abraçára a carreira consular. O vento da barra, agitando, as palmeiras do jardim, obriga-me a desviar a vista para essas «árboles del sol», «árboles de Oriente», «penáchos de verdôr», como lhes chamou Santiago Rusiñol. Diz uma velha lenda africana que, após a criação do mundo, uma ave gigantesca buscára voar da terra ao sol e deixára cair, em pleno vôo, uma das suas penas sobre um oásis do deserto. A pena ganhou raízes e transformou-se na *Laodoicéa*, dos litoraes ardentes, dando fructos, semelhantes a tórsos de mulheres negras, que o mar arrasta a largas distancias. Ha tam-

bem quem afirme ter essa variedade de palmeiras tanta sensibilidade como a famosa tamareira visinha de Faridpur, em Bengála, que se curva reverente quando os sinos da igreja tangem as Avé-Marias... Sir Jagadis Chuáder Bose, de Calcutá, celebridade mundial na investigação da emotividade das plantas e metaes, dedicou-se ao estudo de tal fenomeno. Não sei, porém, se chegou a qualquer conclusão justificativa. As palmeiras do meu jardim não rézam mas cantam. E cantam porque servem de ninho a revoadas de passarinhos que entoam diariamente, mal o horisonte se tinge de violeta, uma alvorada cheia de magia. Ergo agora os olhos, para a esquerda, na direcção de Lisboa que vejo esfumada ao longe, como que atravez duma gaze cinzenta, cortada pela proxima silhueta da cúpula dos Jeronymos. Percorro, de relance, essa Explanada Heroica cingida entre o local da antiga ermida do Infante de Sagres e a famosa praia do *Restello* junto ás aguas do rio. Ergue-se ali, donairoza e linda, em filigranas de pedra, a Torre de Belem, augusta sentinela dum maravilhoso passado que principia a ressurgir nos tempos atuais. O dia vae tombando no crepusculo e ha toques de uma luz singular sobre as embarcações fundeadas, ao baloiço das aguas.

São gaivotas, as alviçareiras rondando as fragatas, essas naves pequenas que tiraram o seu nome das aves maior resistencia e duração oferecem, em marchas forçadas, através dos oceanos. E fico-me a pensar na migração dos passaros que já me chamára, muitas vezes, a atenção em terras do Brazil.

Lá, algumas aves emigram do alto sertão, principalmente no norte, em demanda do litoral quando as sêcas devastam as regiões do Ceará, Piahy e Alto-S. Francisco. Não fixam habitação porque mal presentes em bom tempo eil-as de regresso buscando as lares que deixarão. Entre as aves marinhas dá-se precisamente o mesmo. Procuram as latitudes que mais lhes agradam. Mas a migração mais regular e periódica é a dos alados sendo curiosa a equatorial ou comum na qual os passaros seguem meridianos de longitude. No hemisferio norte, nas latitudes frias bem como nas temperadas, dá-se a migração em quasi todos os passaros insectivoros e sabe-se que a aba-

lada da primavera se dirige para o norte e a do outono para o sul. E andorinhas? Não podemos e não costumamos nós predizer com segurança a data da sua chegada e até os lugares que preferem para ivernar? E não é, fundados em identica previsão, que milhares de caçadores esperam na Itália os voláteis que fazem daquele paiz um vasto corredor entre a Europa e a Africa para onde emigram da Suissa, da Austria, da Hungria e da Russia?

Uma voz fresca de mulher canta, não sei onde, esta quadra tão popular:

*P'ra quem as souber cantar!...
Sou gaivota, sou gaivota,
E venho da beira mar;
Trago cantigas na boca*

E as gaivotas continuam voejando ou poisando sobre as fragatas, (exatamente como Fernandes Thoméz artisticamente as fixou) buscando o meio do rio porque *gaivotas em terra é signal de temporal* e a noite promete ser de luar.

O que teria levado Pedro Gusmon a construir, no alto de um penedo de Algorta, na Biscaya, o célebre *Kajóvia (nido de gaivotas)* ou seja um ninho de gaivotas? O mesmo que leva algumas pacientes creaturas que habitam as visinhanças parisienses de Saint Denis a ensinar cantigas aos passaros para que a sua venda lhes renda uns bons pares de francos? Haverá alguem que nesta mesma hora esteja pensando, como

eu, nessas ritmadas, instintivas e longas viagens que certas aves executam com uma precisão admiravel? Quem lhes ensina o caminho que tomam numa altitude maxima de tres mil pés e com uma velocidade comum de trinta milhas á hora voltando, longos mezes depois, ao logar de partida? Quem orientou o gavião de Ayrshire no seu regresso, passados quatro anos? Terão essas aves, como pontos de referencia, montanhas, arvores, rios, pelas vastas e diversas regiões que atravessam? E' a saudade do lar em que nasceram que lhes determinou o regresso e é o instinto de reprodução que as impele para regiões mais frias onde mais facilmente possam procrear? E como conseguem elas voar milhares de milhas sobre o extenso oceano, de noite, sem perderem o rumo e sem que tenham sempre a guial-as, por exemplo, as luminosidades dos mares tropicaes forjadas por miriades de vermes, dos *Noctiluða*, ou por aluviões de incendidas serpentes maritimas, como, no mar das Indias?

Misterio! No entanto a noite cáe e as gaivotas proseguem no seu bailado alvo e aéreo, curvilíneo e caprichoso. E a Torre de Belem, essa Torre de Sonho, feita de pedra como se fôra espuma e renda, depois de ter fitado as gaivotas caracteristicas do seu Tejo, fica mergulhada em luar evocando caravélas e célivolos num grande rosario de novas epeias...

MARIO MONTEIRO

(Da Academia das Sciencias de Portugal)



Asas no espaço



NIRVANA

Para além deste mundo que aborreço
Bem longe dos teus olhos cubiçados
Ergue-se um paraíso que mereço
Onde não lembre penas nem pecados

Hei-de deixar a boca que apeteço,
Os teus pobres dedinhos delicados!
A morte é outro bem de mais apreço
Do que esses bens vividos e gosados.

Não quero ver o sol! Fulvas estrelas,
Outros, contentes, voltarão a vel-as
Debruçadas, á noite, sobre o mar...

Eu quero aquele ceu que tu receias,
Onde não chegue o canto das sereias,
Nem a carícia frouxa do luar...

AS EXCURSÕES ESCOLARES

O COLEGIO MILITAR

EM

AVEIRO



Jarra regional oferecida ao Colegio pela fabrica da Ponte Nova



Jarra regional oferecida ao Colegio pela fabrica da Aieluia



O grupo dos excursionistas

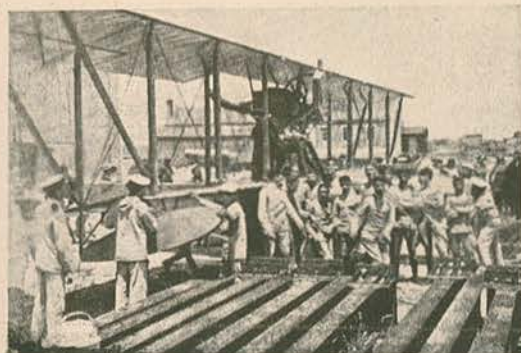
Um dos elementos mais educativos da moderna pedagogia são, sem duvida, as excursões escolares, que dão a conhecer a mocidade que estuda a terra portugueza tão desconhecida de tantos. E, obedecendo a este criterio o Colegio Militar, modelar estabelecimento de ensino, foi até a linda cidade de Aveiro, numa excursão superiormente delineada, no



Atravessando uma salina

seu programa scientifico e no seu aspecto turiste, pelo distincto professor, coronel sr. dr. Machado e Costa.

A recepção na Veneza portugueza foi brilhante, para o que muito concorreu o major medico, sr. José Maria Soares, nomeado depois, pelo conselho escolar do Colegio, seu ex-aluno honorario.



Visita dos alunos á aviação maritima de Aveiro



Partindo para um «pic-nic» com senhoras das familias de-antigos alunos



ESTRANGEIRO



NA complicada politica europeia, aqueles povos dos Balkans, visinhos de tão diferente sangue e com aspirações repetidas vezes tão contrarias, tiveram sempre grande influencia. Eram chamados, esses Balkans, rudemente montanhosos e sombriamente cobertos de florestas, o vulcão da Europa central, e a diploma-

cia sentia sempre um certo calafrio quando d'elles se falava nas chancelarias e nos salões da politica. Até que um dia...

De lá cintilou a faisca sangrenta que poz a ferro e fogo a velha Europa.

Pois ainda hoje, depois de varios tratados de paz e de diversas conferencias tambem de paz, os povos dos Balkans, de modo algum, podem dispensar as atenções, e assim não admira que muito tenha sido posto em foco o casamento do joven e garboso rei Alexandre da Yugo-Slavia, com a muito formosa princesa Maria da Romania, que á sua gentilésa liga o encanto das suas virtudes.

Todos sabem que, após a grande guerra, se formou na Europa central a chamada Pequena Entente. Pois este casamento não pode deixar de apresentar o aspecto politico de concorrer para o estreita-



O rei da Yugo-Slavia e a joven rainha.



Mr. e M.me Poincaré, chegando a Londres

mento dos laços d'essa Entente, que já se tem feito sentir na marcha da politica. Assim contribua êle tambem para os Balkans irem perdendo a fama de «vulcão» europeu.

Evolvendo agora os olhos para a «grande Entente», temos a dar a boa nova de que mais uma vez ela se recompôs e teve mais um clarão de «lua de mel». Não foi precisamente no campo da politica, á volta d'algun caso de diplomacia, mas sim dentro d'um campo de sport, a proposito do desafio anglo-francês de polo em Raguelagh, proximo a Londres.

Para assistir á lucta entre os dois teams e para a entrega da taça de Verdun, atravessaram a Mancha Mr. e M.me Poincaré, sendo recebidos com grandes provas de estima e consideração. Foi uma atmosfera festiva de sorrisos para a aliança, e provou-se o novo principio de que o sport serve para recompôr o que a diplomacia tantas vezes estraga.

Somente é interessante notar que — exactamente como na diplomacia — quem venceu, por 8 goals contra 6, foi o team... inglês.



Um modo original de jogar o xadrez

ORA, tambem perto de Londres, n'um d'esses lindos, classicos parques ingleses, um novo sport de gestos e movimentos hieraticos e lentos apareceu, e talvez venha a fazer moda.

Num terreno especialmente preparado, desenhado a quadrados pretos e brancos, jogou-se o grave jogo do xadrês, sendo as pedras representadas por autenticas e vivas pessoas, em carne e osso. Mrs. Fulana fazia de rainha, Mr. Sicrano fazia de rei, outros faziam de bispos, cavaleiros e peões, e havia até quem se movesse, segundo as regras do jogo, metido dentro d'uma torre.

A partida deve ter decorrido de forma original e imprevista e nós ficamos sabendo que a imaginação humana nunca se cança na idealização de coisas estranhas.

A. R. P.



A CATASTROFE DO TEJO



Durante as festas da «Semana de Lisboa», um batelão incendiou-se subitamente, numa fogueira inverosímil, que vitimou algumas pessoas e feriu um grande numero. Foi uma tragica noite de dôr entre o regosijo patriótico da cidade.



1— O sr. dr. Belford Ramos e o sr. Macedo Soares, da embaixada do Brasil, visitando os feridos no Hospital de S. José.

2— A creança que morreu depois do desastre.

3— Duas pessoas salvas quasi por milagre do incendio: pai e filho, já no cais, em plena segurança...

4— Um dos feridos no ospital.

Como o povo aprende a amar



A sr.^a D. Maria Carolina Ramos, quintanista de medicina que ha dois anos na *Ilustração Portuguesa* advogou a necessidade das bibliotecas nos jardins publicos

OS
seus
artistas
e
escritores



O sr. Alexandre Ferreira, da Universidade Livre que, apenas com o seu esforço e de alguns editores, realisou e poz em pratica a Idela, fazendo construir a primeira biblioteca no Jardim da Estrela

HA dois anos pouco mais ou menos a «Ilustração Portuguesa» publicava um artigo em que a proposito da construção de uma biblioteca popular no Parque do Retiro em Madrid, D. Maria Carolina Ramos, nossa colaboradora, advogava a necessidade de fazer nos jardins de Lisboa a mesma coisa. E assim o povo conheceria sem cansasso Camilo e Julio Dintz, o Eça e Fialho, Oliveira Martins ou Herculano, Garrett ou Arnaldo Gama. E nesse artigo se fabulava já a biblioteca e por um «truc» fotografico ella apparecia no jardim da Estrela e no de S. Pedro de Alcantara,

sumptuoso e soberbo. Tempos passaram e agora o sr. Alexandre Ferreira, trabalhador incansavel e cerebro empreendedor, deu á Idela a sua realisação. E assim a biblioteca já se encontra no jardim da Estrela, franca á leitura, profusamente divulgando as maravilhas da poesia e da prosa portugueza. Foi um grande serviço que a Universidade Livre e o seu director realisaram e assim ficou efectivada a aspiração popular que pela primeira vez as nossas paginas registaram. E lucrou a cidade que ficou dotada de um-melhoramento que muito vale e a dignifica.



Aspectos da primeira biblioteca popular no Jardim da Estrela — Os primeiros leitores

AS DOZE AVENTURAS DOS ANÕES DA CAVERNA

O Castigo de Parlapatão



VII

PISAFLORES e Delicodôce, os dois manos anões que nunca se separam, tiveram na floresta, um mau encontro com o salteador Parlapatão. Enquanto Pisaflores dormia, seu irmão quiz ir apanhar umas amoras para lhe oferecer, mas logo com tão pouca sorte que, sendo agarrado por Parlapatão, foi levado para um acampamento de pesquisadores de ouro que eram dirigidos por esse aventureiro da peor especie.

Ao cair da tarde, Pisaflores acordou e ficou admiradíssimo por se encontrar sosinho na floresta. Que seria feito do seu querido irmão... Chamou, chamou, mas ninguém lhe respondeu. Alguma fera o teria comido... Isso não! Haviam de ficar alguns vestígios... Pisaflores teria ouvido qualquer barulho. Mas, o que teria acontecido?... Já muito aflito, Pisaflores chorava e, gritando como um doído, amaldiçoava a má idéa de se deixar dormir naquele bosque tão perigoso... Nesta altura, quando êle mais se arrepelava, viu surgir na sua frente a desagradavel figura de Parlapatão, o salteador que encontrara na vespera... Apezar de estar mal disposto para conversas, o anãosinho apressou-se a perguntar-lhe se tinha visto o seu mano e, qual foi o seu furôr quando a antipatica creatura respondeu o seguinte: «Fica sabendo que o teu irmão, querido Pisaflores, foi ter comigo ao acampamento dos pesquisadores de ouro [e está tratando de encher as algibeiras. Aproveitou tu estares a dormir e «passou-te o pé», com medo de, se tu fosses com êle, ter de repartir contigo o ouro que encontrasse... Vê no que deu a sua linda amizade! —E, dizendo isto, Parlapatão ria com gosto, sem vêr que Pisaflores estava vermelho de raiva. Ele podia lá acreditar naquela traição do seu adorado mano, do seu bom Delicodôce! Não, mil vezes não! Tudo aquilo eram apenas parlapatices... E o ousado anãosinho resolveu-se logo a castigar o intriguista, sem querer saber de mais desgraças e sem reparar que o impostor era mais alto do que meia duzia de Pisaflores, postos em cima uns dos outros. Dando um grande salto, o anão pendurou-se ao pescoço do bandido e começou a bater-lhe com quanta força tinha. Parlapatão, furioso, pegou nele em peso e, sustentando-o no ar, disse lhe com uma voz que metia medo:

—«Encontrei o teu irmão na floresta, a apanhar amoras e levei para o meu acampamento porque precisava dum criado para servir os meus companheiros... Mas êle ainda foi feliz... Agora, vou dar cabo de ti... Vou deixar-te, alado de pés e mãos, neste canto do bosque, e podes ter a certeza de que não tardará a vir qualquer animalsinho que te saborei e te aprecie como um bom manjar». E, falando assim, Parlapatão procurava com a vista uma corda, para atar o anãosinho.

Reparou então que êle trazia ao pescoço um fio verde—que era nem mais nem menos do que os dos cabelos mágicos da Feiticeira dos Cabelos Verdes, um dos cabelos que davam aos manos anões o poder de se transformarem em qualquer animal, uma vez que os enrolassem em volta do pulso...

«Vou prender-te as mãos com este fio verde, ate ver se arranjo alguma cousa mais resistente—disse o salteador, enquanto Pisaflores exultava de satisfação, pois que já via a maneira de se salvar. No momento em que Parlapatão lhe enrolava o fio em volta das mãos, o anãosinho invocou o genio da Floresta para que este o transformasse num grande e possante tigre. Parece que o genio o ouviu porque, acto continuo, Parlapatão viu na sua frente um tigre rasteiro e comprido, o qual, armando pulo, deu conta d'êle num abrir e fechar de olhos. Depois, o tigre dirigiu-se, direito como uma seta, ao acampamento dos pesquisadores de ouro, os quaes, ao vê-lo, fugiram a sete pés, abandonando o anão Delicodôce, seu prisioneiro. Este ia morrendo de alegria quando o coração lhe disse que aquele tigre vinha para o salvar. Não querendo assustar o irmão, Pisaflores tomou logo a forma humana e deu-lhe tantos abraços que era um nunca acabar. Depois, os dois manos pegaram em alguns dos sacos de ouro que estavam abandonados e encaminharam-se para a cidade mais proxima, onde contaram a sua aventura e distribuíram tudo pelos pobres. Em seguida, dirigiram-se para o logar do encontro com os outros manos, que talvez já estivessem em cuidado com a sua demora.

TEREZA LEITÃO DE BARROS.

(Ilustrações de Raquel Roque Gameiro)





**Glorificando
os
heroes**

A comissão angariadora de donativos para a compra das insignias da Torre e Espada a oferecer a Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Da esquerda para a direita os srs.: general Gomes da Costa, capitão Olimpio de Melo, sentados; o industrial Moreira Fernandes e o sr. José Magalhães, de pé.



**Uma
artista
portugueza**

A distintissima professora de piano sr.^a D. Maria Alice da Luz Marques que, nos meados de Junho, realisou, no salão nobre da Liga Naval uma audição para apresentação das suas alunas e que conseguiu um vibrante successo d'applausos, que, depois de se ter manifestado entre todos os assistentes, se confirmou entre os criticos musicais de Lisboa.



1.—O juramento á bandeira em infantaria 1: o sr. capitão Castilho Dias lendo a sua alocução aos soldados,
2.—No aniversário do sr. Cardeal Patriarca D. António Mendes Belo, rodeado dos Bispos que foram felicitá-lo.



3.—O distinto e antigo jornalista Armando d'Araujo, autor d'um livro recém-aparecido «A Nau do Espaço»—consagrado á epopeia heroica dos dois aviadores portuguezes e onde se nota uma grande elevação de espirito e uma notavel sensibilidade lirica.

ELEGANCIAS



Esta encantadora blusa imaginada por Premet, o rei da elegancia parisiense, é realisada em «crepe georgette» branco e fitas de veludo preto.



Nada poderíamos sonhar de mais delicado e proprio ao realce d'uma beléza loira, do que este impressionante *Marquis de tulle* e veludo preto em que a larga rosacca de seda azul turquêsá põe uma nota alegre.



A moda, caprichando n'um eclectismo favoravel á realizacão de todas as fantasias, não impõe, este ano, nenhum estilo determinado, nenhum córte especial. Desde que a linha *élancée*, seja respeitada, — condição de elegancia *sine qua non*. . . — tudo é permitido, tudo se usa, tudo é acolhido com entusiasmo.

Os dois graciosos modelos representados na gravura, creações maravilhosas de *Lanvin* e *Jenny*, traduzem com fidelidade a ideia da moda do momento.